



“DENEGRINDO”¹ VIAGENS ATIVISMO EM REDES DIGITAIS DE HOSPEDAGEM COLABORATIVAS²

“Denigrating” trips: activism in digital hosting collaborative networks

“Denegrando” viajes: activismo en redes digitales para alojamiento colaborativo

Thaís Costa da Silva

Professora de pós-graduação no MEGE | UCAM e Professora substituta de Turismo na UNIRIO

e-mail: thais_unirio@yahoo.com.br

Vinícius Andrade Pereira

Professor Associado da FCS e Professor Permanente do Programa de Pós Graduação em Comunicação da UERJ

e-mail: vinianp@gmail.com

Resumo

Este artigo discorre sobre a criação e uso de redes digitais na internet de hospedagem colaborativa focados no público negro, como espaços de afirmação identitária e ativismo. A pesquisa se baseia em revisão bibliográfica, em observação participante na plataforma *Diaspora.black* e no grupo do *Facebook* intitulado *Couchsurfing das Pretas*, além de entrevistas. Os resultados sugerem que, no processo de mediação, esses canais estimulam mobilidades a partir dos discursos de valorização da cultura negra, do feminismo e da colaboração entre os pares. Articulados nessas redes, os participantes têm maior acesso a informações sobre viagens, a hospedagem gratuita ou com custo reduzido e a oportunidades de acolhimento em diferentes destinos por pessoas negras, evitando a discriminação étnica e proporcionando experiências singulares com seus semelhantes.

Palavras-chave: Redes Digitais. Hospedagem Colaborativa. Ativismo Negro.

Abstract

This paper discusses the creation and use of digital networks on the Internet for collaborative hosting focused on black audiences, as spaces for identity affirmation and activism. The research is based on a literature review, on participant observation at *Diaspora.black* platform

¹ O sentido atribuído à palavra “denegrindo” se refere a tornar negro. Assim, têm-se a ideia de que os rolês, entendidos como viagens e passeios, são usufruídos, cada vez mais, por pessoas negras. Subverte-se, dessa forma, o sentido pejorativo associado ao termo, relativo à difamação.

² O artigo é fruto de uma pesquisa mais ampla desenvolvida no doutorado no Programa de Pós Graduação em Comunicação da UERJ, realizado pela primeira autora, com a orientação do segundo autor.



and at a Facebook group entitled *Couchsurfing das Pretas* in addition to interviews. The results suggest that, in the mediation process, these channels stimulate mobility based on the discourse of valuing black culture, feminism and collaboration among peers. Articulated in these networks, participants have greater access to travel information, free or low-cost hosting services, and opportunities for black people to host different destinations, avoiding ethnic discrimination, and providing unique experiences with their peers.

Keywords: Digital Networks. Collaborative Hosting. Black Activism.

Resumen

Este artículo analiza la creación y el uso de redes digitales en Internet para el alojamiento colaborativo centrado en audiencias negras, como espacios para la afirmación de la identidad y el activismo. La investigación se basa en la revisión bibliográfica, la observación participante en la plataforma Diaspora.black y en el grupo de Facebook titulado Couchsurfing das Pretas, además de entrevistas. Los resultados sugieren que, en el proceso de mediación, estos canales estimulan la movilidad basada en el discurso de valorar la cultura negra, el feminismo y la solidaridad entre pares. Articulados en estas redes, los participantes tienen mayor acceso a información sobre viajes, alojamiento gratuito o de bajo costo y oportunidades para que las personas negras ingresen a diferentes destinos, evitando la discriminación étnica y brindando experiencias únicas con sus pares.

Palabras clave: Redes Digitales. Alojamiento Colaborativo. Activismo Negro.

1 INTRODUÇÃO

Popularizar a ideia de mulheres negras poderem estar juntas também por meio de viagens. Este foi um dos objetivos de Carolina Pinho ao criar o grupo Couchsurfing das Pretas, na rede social Facebook, como ressaltado em entrevista. Iniciativas como esta visam contribuir para que mais pessoas negras viajem, denegrindo assim os chamados *rolês*, ou tornando negras também as viagens. E com a intensificação do uso de tecnologias de informação e comunicação na sociedade contemporânea, crescem substancialmente os espaços de ativismo na internet como este.

Dentre as motivações e modos de organização dessas redes, ações táticas podem ser destacadas, como as práticas astuciosas que operam entre as brechas das estruturas dominantes a partir de trajetórias indeterminadas (DE CERTEAU, 2008). Neste sentido, os consumidores se valem de lugares e ferramentas racionalizadas e circunscritas, como a internet, para buscar entrada onde esta não é esperada e obter benefícios, como a organização de grupos de interesses específicos que podem se contrapor às ideias de um mercado mais tradicional.

Seria pueril, contudo, atribuir às novas tecnologias o protagonismo desses movimentos. De certo, que muito antes do surgimento dos aparatos que nos possibilitaram acessar plataformas digitais, já existiam organizações em redes bastante significativas e que propiciaram mudanças em diferentes contextos históricos. O que se destaca aqui é como essas ferramentas se inserem no processo, a partir das distintas formas de mediação oferecidas. Considerando que elas não estão ao alcance de todos, tornando muitos desses movimentos excludentes ao se propagarem exclusivamente pela internet.

Todavia, a internet se tornou o canal preferido dos viajantes, 57,6% deles utilizou a internet como maior fonte de informação em 2019, de acordo com o Estudo da Demanda Turística Internacional (2021)³. Neste ambiente se desenvolvem, além de empresas tradicionais do mercado de turismo, iniciativas que se baseiam em preceitos da economia colaborativa, acompanhando uma diversificação nos modos de consumo e perfis de viajantes.

Para Costa (2015), a economia colaborativa pode se relacionar com ações comerciais e comunitárias, impulsionadas pelas novas tecnologias de comunicação e informação e pelas relações de confiança. As plataformas digitais facilitam práticas de colaboração que já existiam anteriormente, como pegar uma carona. Mas não pretendem negar o sistema capitalista vigente, nem se colocar como uma alternativa a ele. E sim proporcionar estruturas mais “abertas, transparentes e horizontais”. Várias empresas, especialmente de hospedagem, surgiram com essas premissas. Como exemplo, há a AirBnb, que paradoxalmente hoje se destaca como a maior rede de hospedagem do mundo, concentrando grande parte do capital, de acordo com estudo da empresa de pesquisa Estadunidense *Smith Travel Research - STR*⁴, em 2017.

A participação e o trabalho coletivo preponderam nessas plataformas, alimentadas com informações inseridas pelos “prosumidores”, termo cunhado por Toffler (2007) para se referir aos consumidores que também produzem. Contudo, há tensões no processo. Seja pelo desigual acesso a suportes técnicos, por divergências de ideias ou por discriminação étnica, de gênero, de orientação sexual, dentre outras questões. Casos que geram como consequência a

³ Ministério do Turismo - MTur e Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas - FIPE, Estudo da Demanda Turística Internacional - 2004-2019, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/turismo/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/observatorio/anuario-estatistico/anuario-estatistico-de-turismo-2021-ano-base-2020/anuario-estatistico-de-turismo-2021-ano-base-2020_divulgacao-compactado.pdf. Acesso em: 09 de setembro de 2022.

⁴ Smith Travel Research. AirbnB & Hotel Performance, 2017. Disponível em: <https://str.com/sites/default/files/2019-07/AirbnB-and-Hotel-Performance.pdf>. Acesso: 09 de setembro de 2022.

organização de outros grupos, que se valem dos mesmos recursos tecnológicos dominantes como aporte para levantes sociais. A proliferação de plataformas de hospedagem colaborativa nos últimos dez anos, em especial, se associa a segmentação para públicos específicos, como os de viajantes negros, que se articulam a fim de manter espaços de ativismo e afirmação identitária na internet.

Percebendo essas movimentações, este artigo busca analisar o contexto de surgimento e as motivações das redes digitais brasileiras de hospedagem colaborativa focadas em negros e suas relações com as problemáticas e limitações de outras plataformas. Intenta-se investigar de que modo as narrativas apresentadas nessas redes digitais podem interferir nos modos de consumo de seus membros.

Para compreender essas dinâmicas, parte-se de um estudo bibliográfico, a fim de embasar discussão sobre o uso das redes digitais para movimentos sociais e identitários, além de uma reflexão sobre as questões técnicas dessas ferramentas que incidem no processo de mediação. É realizado, ainda, um estudo sobre a plataforma digital Diaspora.black e sobre o grupo do Facebook Couchsurfing das Pretas, ambos espaços que estimulam serviços de hospedagem colaborativa para negros. Ao longo de mais de três anos de pesquisa – dentre 2017 a 2020, foram realizadas entrevistas em profundidade com cerca de uma hora de duração, além de observação participante que incluiu a interação nas redes sociais dos grupos. Foram analisadas as narrativas dos participantes, os valores, as formas de viagem e estilos de vida ressaltados, bem como as ferramentas e gramáticas das plataformas que dão suporte às comunicações. Os autores não tinham conhecimento ou participação nos grupos em período anterior à investigação.

Muitas das tensões que se desenham nas redes colaborativas são associadas às condições sociais, políticas e econômicas contemporâneas. As relações de colaboração e compartilhamento podem, por um lado, se fortalecer com o aporte das novas tecnologias de informação e comunicação. Mas, por outro, também seguem princípios de uma sociedade globalizada e capitalista, que em muito reforça desigualdades e injustiças. Por isto está suscetível a divergências, exclusão e outras problemáticas.

2 LIMITAÇÕES DA ECONOMIA COLABORATIVA

As constantes transformações pelas quais o sistema econômico capitalista vem passando são ao mesmo tempo resultado e causa de mudanças sociais, econômicas, ambientais e culturais. Foram tantas as dinâmicas, que Boltanski e Chiapello (2009) dividiram o capitalismo em três períodos. O terceiro deles, denominado o “novo espírito do capitalismo”, está ainda em formação. Essa fase é característica do mundo globalizado, dotado de novas tecnologias largamente utilizadas e em muito associadas à liberdade individual. O caráter flexível e fragmentado deste sistema, em termos de relações de trabalho, por exemplo, exige adaptações às condições de mercado e um espírito criativo e empreendedor dos trabalhadores. Neste cenário, crescem exponencialmente iniciativas que promovem a produção coletiva, a interação em meios digitais e a busca por diferentes modos de consumir, mais personalizados.

Consoante a esta fase está a emergência de uma inteligência coletiva, defendida por Lévy (2007) como aquela distribuída por toda a parte, incessantemente valorizada com sua coordenação em tempo real, baseada nas tecnologias digitais e que mobilizam competências. Jenkins (2009) se apoia neste conceito para defender uma cultura da convergência, em que o consumo é coletivo, as narrativas são transmidiáticas e os meios de comunicação se baseiam na interação entre eles e a audiência. Essas dinâmicas promovem assim o que Shirky (2011) nomeia de cultura da participação, como uma reflexão para além do consumo. E, embora dependa das novas tecnologias, seu componente principal é o fator humano.

A interação nas redes sociais digitais, a produção coletiva de informações pelos próprios consumidores e as relações de conteúdo e forma de várias mídias dão suporte a essas teorias. Contudo, sendo a internet uma ferramenta que influencia e é influenciada por mudanças comportamentais, cognitivas e culturais em nossa sociedade, implica também em desigualdades e limitações que podem despertar conflitos e movimentos de resistência, questões pouco abordadas nesses estudos. A vanguarda no "novo espírito do capitalismo" preconiza então o lema *Do it Yourself* (faça você mesmo) apoiado em uma crítica estética ao capitalismo tradicional e ao consumismo.

Mas, como no ambiente *offline*, a internet também dispõe de mecanismos de controle que atuam em prol das estruturas dominantes de poder, incumbência que Silveira (2010) atribui, sobretudo, aos códigos e protocolos. Neste sentido, Pasquinelli (2010) ressalta a exploração de uma inteligência geral social, inerente à "economia da atenção" por grandes

corporações que se valem da produção de valor a partir de elementos como a atenção, o conhecimento, a rede. Assim, a inteligência coletiva é livre e aberta só aparentemente. Este arranjo reverbera novos movimentos de resistência e emancipação individual.

A colaboração no ambiente *online* ocorre de modos muito distintos e, devido a essas estruturas de poder, mantém relações bastante desiguais e excludentes no que se refere ao acesso às informações e às ferramentas necessárias para desenvolver determinadas ações. Segundo Kera (2017), a cultura *maker* apresenta muitos paradoxos e demarca limites entre agendas isolacionistas e cosmopolitas. Ela é híbrida, pois mantém ainda diversas patentes e discursos que pouco se distanciam das narrativas nacionalistas, apesar de serem redes descentralizadas que pregam uma ideologia mais social e cooperativa.

Neste ambiente de controle excessivo, as relações de poder se apresentam como elemento fundamental para pensar até mesmo os movimentos de resistência a esse sistema. Não há como pensar a inteligência coletiva e os modos de colaboração como ações paralelas a essa estrutura de poder. Mesmo as iniciativas de trabalho subjetivado e coletivo de resistência a favor de ações locais se organizam em plataformas que seguem os protocolos e códigos de uma internet que é desigual e hierárquica.

Essas contradições apontam para uma sociedade híbrida e complexa, em que diversos interesses são constantemente confrontados. Os princípios colaborativos não podem ser dissociados dessas relações de poder, pois se inserem nessa estrutura econômica e social, obedecendo à lógica do capital. A economia colaborativa voltada para os princípios de consumo coletivo e consciente, também pode trabalhar a favor do lucro de grandes corporações. E quando não, o espírito libertador e aberto da inteligência coletiva (LÉVY; 2007) são frequentemente capturados pelas práticas tradicionais do mercado capitalista.

Para Gansky (2011), a economia colaborativa é um modelo de rede que interfere em nossas vidas e relações com os bens e serviços, seguido por um movimento de resistência ao consumo. Essa resistência varia entre ações que buscam evitar o mercado, minimizá-lo ou boicotá-lo (FOURNIER, 1998). E isso ocorre, de modo geral, por meio do uso compartilhado. A padronização e massificação de produtos e serviços, assim como preocupações ambientais, são alguns dos fatores que motivam os consumidores a se afastarem do modelo econômico dominante e a buscarem alternativas que atendam seus anseios. O consumo colaborativo pode ser entendido então como uma reinvenção de comportamentos mercantis passados que se realizam por meio das novas tecnologias em escala e possibilitam formas que não eram possíveis anteriormente (BOTSMAN; ROGERS, 2011).

Essas práticas perpassam modelos econômicos e culturas, mas não se sobrepõem aos interesses dominantes. Contrariamente ao que Rifkin (2014) prevê, sobre um eclipse do capitalismo abrindo espaço para uma economia compartilhada, em que o acesso e o capital social prevalecem perante a posse e o capital financeiro, o que se defende aqui é que há uma mutação do capitalismo que tende a se apropriar dessas práticas. Embora o autor se atente a transição de uma economia baseada na escassez para uma da abundância, suportada pela alta produtividade e pelo custo marginal de produção tendendo a zero, este processo só vem a reafirmar a nova fase do capitalismo.

Empresas como a Airbnb e a Uber se destacaram nos últimos anos como grandes exemplos de iniciativas colaborativas, intermediando serviços oferecidos por pessoas físicas. A primeira com hospedagem por temporada em residências e a segunda com serviços de transporte privado urbano. Essas organizações tiveram um rápido crescimento e desenvolvem seus processos em plataformas digitais online sem deter as propriedades dos elementos centrais que possibilitam os serviços, no caso as acomodações e os automóveis.

Seus princípios envolvem o consumo coletivo e facilidades de acesso a esses serviços, na lógica da abundância. Contudo, são protagonistas de diversos conflitos mundialmente. A Airbnb enfrenta resistência de moradores de localidades turísticas que alegam o aumento dos valores dos aluguéis em decorrência das ofertas de temporada da empresa, mais rentáveis aos proprietários, como destaca o jornal O Globo em reportagem de 27 de setembro de 2020⁵. Jorge (2017) explicita que a empresa influencia um movimento de gentrificação e aumento de preços de aluguéis residenciais em Lisboa.

Mesmo as iniciativas que não envolvem trocas monetárias, como é o caso da plataforma de hospedagem Couchsurfing, podem ser capturadas pelo sistema capitalista tradicional. Apesar do sentimento de comunidade que é pregado nessa rede, Vouga, Cano e Vasco (2015) identificaram e mapearam algumas das controvérsias existentes entre as filosofias norteadoras da plataforma. Os autores apontam uma insatisfação por parte dos usuários com algumas das mudanças pelas quais a comunidade passou, especialmente por ter deixado de ser uma organização sem fins lucrativos. E acreditam que esse descontentamento se justifica por uma filosofia anti-capitalista seguida por parte significativa dos usuários.

⁵ O acesso ao artigo completo “Democratização da moradia: na Europa e nos EUA, cidades buscam soluções para a falta de habitação acessível” pode ser realizado pelo seguinte link: <https://oglobo.globo.com/mundo/democratizacao-da-moradia-na-europa-nos-eua-cidades-buscam-solucoes-para-falta-de-habitacao-acessivel-24661701>. Acesso em: 19 de setembro de 2022.

Outras controvérsias também são percebidas na comunidade, resultantes do choque entre a filosofia contracultural de sua constituição e as práticas observadas, especialmente em relação às demandas de densidade dos relacionamentos desenvolvidos, às expectativas de reciprocidade na hospedagem e aos códigos legitimadores da rede (VOUGA; 2017). Embora essas iniciativas contribuam para diversificar o consumo e para a reflexão sobre práticas sustentáveis e mais acessíveis para grande parte da população, elas também podem interferir negativamente nas relações sociais e no cotidiano das localidades, pois são recorrentemente utilizadas em prol dos interesses do capital.

3 RACISMO NAS REDES DIGITAIS DE VIAJANTES

Reputação e confiança são moedas valiosas na sociedade contemporânea e elementos fundamentais nas operações das plataformas de hospedagem colaborativa. Costa (2017) relaciona o índice de confiança dos usuários do Airbnb e do Couchsurfing ao grau de empatia que eles têm e que a quantidade de informações preenchidas nas plataformas e as referências recebidas influenciam na credibilidade dos perfis. Desse modo, a construção da confiança nas redes sociotécnicas é uma condição para a criação de vínculos na economia colaborativa.

Muitos fatores influenciam nessas relações de confiança. Edelman e Luca (2014) acreditam que o tipo de informação inserida nos perfis pode facilitar casos de discriminação em relação à etnia, gênero, idade ou outros aspectos ligados à aparência. A partir da combinação de dados e imagens de todos os proprietários da cidade de Nova York na Airbnb com seus preços e informações sobre a qualidade dos aluguéis, verificou-se que os anfitriões não negros cobram cerca de 12% a mais do que os anfitriões negros pelo aluguel equivalente. Esses dados dialogam com o controle de todas as informações visíveis no mercado Airbnb.

Este estudo de Harvard ganhou repercussão internacional e, associado a casos de discriminação noticiados em mídias diversas, gerou grandes debates sobre as fragilidades da economia colaborativa. Em 2016, a afro-americana Quirtina Crittenden criou a *#AirbnbWhileBlack* (Airbnb sendo negro) que reuniu diversos depoimentos sobre casos de discriminação racial, tanto por parte de hóspedes, quanto de anfitriões. Em entrevista à National Public Radio - NPR⁶, em 26 de abril de 2016, Quirtina comentou que sentia dificuldades para conseguir uma reserva na plataforma. Ela desconfiou, pois apesar das

⁶ O acesso ao artigo completo *#AirbnbWhileBlack: How Hidden Bias Shapes The Sharing Economy* pode ser realizado pelo seguinte link: <https://www.npr.org/2016/04/26/475623339/-airbnbwhileblack-how-hidden-bias-shapes-the-sharing-economy>. Acesso em: 07 de fevereiro de 2018.

desculpas que recebia no momento da recusa, as residências continuavam disponíveis para aluguel nas mesmas datas escolhidas. A *hashtag* ainda é amplamente utilizada, especialmente no Twitter (figura 1).

Figura 1: Depoimento marcado com a *#AirbnbWhileBlack*.



Fonte: Twitter, 2018.

Em alguns desses casos, em que a ação discriminatória ocorre de forma mais explícita, há algumas penalidades, tanto por parte da empresa, quanto dos órgãos oficiais das localidades. De acordo com o jornal *El País*⁷, o primeiro caso de multa registrado pelo Departamento de Emprego e Hospedagem Justa da Califórnia, Estados Unidos, contra um anfitrião do Airbnb ocorreu em fevereiro de 2017. A anfitriã estadunidense foi condenada a pagar cinco mil dólares por ter recusado uma hóspede asiática e enviado a seguinte mensagem escrita: “Não alugaria para você mesmo que fosse a última pessoa sobre a Terra. Uma palavra diz tudo. Asiática”.

E um dos elementos centrais da discussão é a própria plataforma, mediadora dessas relações. O *software* tornou-se o intermediário indispensável e cada vez mais presente em boa parte das principais atividades humanas” (SILVEIRA, 2010). Eles possibilitam ou inviabilizam determinadas ações que afetam as relações estabelecidas por meio deles. Por isso, muitos dos usuários acusam a Airbnb de facilitar esse tipo de comportamento a partir das ferramentas técnicas disponíveis desse suporte.

⁷ O acesso ao artigo completo “Anfitriã do Airbnb recebe multa de 5.000 dólares por racismo nos EUA” pode ser realizado pelo seguinte link: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/17/internacional/1500275553_616081.html. Acesso em: 07 de fevereiro de 2018.

Em resposta a essas demandas, a empresa declarou que seguiria uma série de medidas contra casos de discriminação. Dentre elas está a inclusão de novas regras e uma política de não discriminação, na qual afirmam compromisso com a inclusão e o respeito. Em trecho da política, disponível no site, a Airbnb esclarece que:

tem o compromisso de construir um mundo em que pessoas de todas as origens sintam-se bem-vindas e respeitadas, independentemente da distância que elas tenham percorrido de suas casas. Esse compromisso baseia-se em dois princípios fundamentais que se aplicam tanto aos anfitriões quanto aos hóspedes do Airbnb: **inclusão e respeito**. Nosso compromisso compartilhado com esses princípios possibilita que todos os membros de nossa comunidade sintam-se bem-vindos na plataforma do Airbnb, independentemente de quem eles sejam, de onde eles venham, das crenças de cada um deles ou de quem eles amem. O Airbnb reconhece que algumas jurisdições permitem ou exigem distinções entre os indivíduos com base em fatores tais como nacionalidade, sexo, estado civil ou orientação sexual, e não exige que os anfitriões violem a legislação local ou realizem ações que possam sujeitá-los a processos legais. O Airbnb fornecerá orientações adicionais e ajustará esta política de não discriminação para que ela reflita tais permissões e tais exigências nas jurisdições em que elas existem. (Airbnb⁸)

A empresa também vem se dedicando a desenvolver ferramentas técnicas que contribuam para diminuir os casos de discriminação. Segundo o jornal *The Guardian*⁹, analistas de informação buscaram alternativas por meio de algoritmos, para realizar buscas mais neutras. Também foram contratados mais funcionários negros e houve a inserção de ferramentas de denúncia. E as fotos dos perfis só podem ser visualizadas após a confirmação da reserva.

Contudo, os nomes também podem ser alvos de discriminação. Segundo o site de notícias *Nexo*, nomes comuns na população afrodescendente dos Estados Unidos, como Jamal e Tyrone tem menores chances de ter a reserva aceita, em torno de 16%. Slee (2016) argumenta que o sistema de ranqueamento das pessoas e serviços é mais um adendo que evidencia o preconceito. A avaliação incide diretamente na reputação das pessoas, ainda que não sejam neutras. Elas moldam as experiências nas plataformas.

⁸ O acesso ao artigo completo sobre a política de não discriminação do Airbnb pode ser realizado pelo seguinte link: <https://www.airbnb.com.br/help/article/1405/airbnb-s-nondiscrimination-policy--our-commitment-to-inclusion-and-respect>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2018.

⁹ O acesso ao artigo completo *#Airbnb While Black hashtag highlights potential racial bias on rental app* pode ser realizado pelo seguinte link: <https://www.theguardian.com/technology/2016/may/05/airbnbwhileblack-hashtag-highlights-potential-racial-bias-rental-app>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2018.

O viés algorítmico de plataformas como a Airbnb funciona a partir de padrões que reproduzem subjetividades de forma automática. Ao balizar-se em uma mais-valia de fluxo, dependente de uma inteligência coletiva que é gerada, a gestão computacional das organizações passa a se preocupar com a dinâmica simbólica, demandando assim, a constante avaliação das programações (PASQUINELLI, 2009).

O índice de confiança desses usuários é medido pelas características dispostas no perfil, por fatores que não se relacionam diretamente ao comportamento. Ações como estas explicitam o racismo, que reverberam em ambientes online, mas que não são exclusivos deles. Constroem-se ações de marcação, que classificam o outro como um negativo, vinculados à condição de ser negro. Esses são sujeitos da diferença e resultam de uma história capitalista de submissão de corpos, de usos e abusos. A lógica de exploração neoliberal se relaciona com a universalização da condição do negro. Assim, o conceito negro alude a um estado de submissão, sentido que reverbera nas relações sociais de modo geral (MBEMBE, 2014).

A partir desses diversos casos, algumas iniciativas reativas à discriminação foram criadas, a fim de se apresentarem como alternativas mais inclusivas. Utilizando-se de muitos dos aparatos tecnológicos das plataformas já existentes, porém incluindo outras ferramentas e discursos inclusivos, essas redes se fortalecem a partir das demandas de pessoas que sofreram discriminação ou que buscam ambientes mais acolhedores em suas viagens.

4 VIAJAR COMO ATO DE RESISTÊNCIA

Atos discriminatórios podem interferir nas mobilidades das pessoas, no quanto e em como elas podem se deslocar e ter acesso a variados espaços. O que Sheller (2017) chama de justiça das mobilidades dialoga com movimentos de resistência a uma lógica dominante de poder e controle que determina quem pode se mover, onde, quando e como. Muitas dessas questões são diretamente atreladas a características como cor e gênero, que denotam também diferenças sociais entre os indivíduos.

Enquanto a imagem da Airbnb foi sendo atrelada a ideia de uma plataforma para brancos, em razão dos casos de preconceito racial relatados, alguns grupos criaram espaços *online*, ressaltando valores de tolerância e respeito às diferenças, referenciando esses ideais até mesmo em seus nomes. Algumas valorizam um público afro diaspórico e outras até restringem a participação de usuários de outras etnias.

Nos Estados Unidos, duas plataformas surgiram com esse viés. Em 2015 foi lançada a Noirbnb e em 2016, a Noirebnb. A segunda alterou seu nome para Innclusive, em razão da

semelhança com a primeira, e mantém seu site ativo com o *slogan Be Yourself* (Seja você mesmo). Além dos valores ligados à diversidade, a plataforma apresenta um caso de discriminação racial sofrido pelo seu criador em uma experiência com a empresa Airbnb.

No Brasil, a Diaspora.black foi criada em 2016 com o mesmo propósito, proporcionar hospedagem colaborativa com tolerância às diferenças. Seus proprietários são três homens negros, Carlos Humberto, Antônio Luiz e André Ribeiro. Os recursos iniciais advieram em grande parte de um financiamento coletivo que arrecadou R\$16.920,00, com 153 participantes. Apesar do nome, qualquer pessoa pode se cadastrar na plataforma, ainda que as narrativas ressaltem uma valorização à cultura e identidade negra, conforme apresentação do site.

A paulista Carolina Pinho, 36 anos, é doutora em educação, viajante frequente e criou em 2015 o grupo Couchsurfing das Pretas, que tem no momento da elaboração deste artigo mais de 2200 participantes. Nesse caso não há trocas monetárias, a oferta de hospedagem é realizada de forma gratuita e está vinculada à mídia social Facebook. Carolina acredita ser este um canal mais popular e dinâmico, de acordo com seu depoimento em entrevista realizada por Skype, em fevereiro de 2018. Inspirado na rede Couchsurfing, que também intermedeia trocas de hospedagem gratuita, uma de suas principais diferenças é o fato de promover somente articulações entre mulheres pretas, requisito para a participação no grupo.

Além dos administradores das redes, foram entrevistados alguns participantes, para entender melhor suas histórias e relações com as plataformas e grupos. A escolha dos entrevistados ocorreu em razão do nível mais ativo nas redes, dentre comentários e publicações. Contudo, notou-se um perfil geral dos membros das redes, com faixa etária entre 20 e 40 anos, com formação superior e forte engajamento ao movimento negro. Também foram entrevistados participantes com base na indicação de entrevistados prévios, de acordo com temas relevantes percebidos no decorrer da pesquisa, como o estabelecimento de vínculos de amizade e o estímulo às mobilidades turísticas.

Em ambos os casos dos grupos brasileiros, os criadores das redes relataram terem tido uma percepção das dificuldades encontradas por negros ao viajarem em razão de suas próprias experiências. E, por isso, gostariam de tentar facilitar essas mobilidades. No caso da Diaspora.black, o jornalista soteropolitano Antônio Pita, comenta em entrevista realizada em fevereiro de 2018 por Skype, sobre as experiências pelas quais, especialmente, o presidente Carlos passou como anfitrião de um apartamento em Santa Tereza, no Rio de Janeiro. Foram diversas as situações de constrangimento ao receber os hóspedes.

Essas questões nunca são tão explícitas, mas a gente aprende a reconhecer nos gestos e nas desculpas e justificativas que são usadas, nas expressões que são muito recorrentes. "Não é bem isso que eu imaginava". "Com o quê você trabalha?" Algumas pessoas chegaram a perguntar pra ele se ele era envolvido com o tráfico. Enfim, situações bastante constrangedoras pra você ficar na sua casa, abrindo a sua casa para as pessoas. Teve um casal que se recusou mesmo a ficar lá. Eles deixaram um bilhete dizendo que não se sentiam seguros, que não era o que eles imaginavam. (Antônio Luiz Pita, em entrevista)

Antônio relata que, para abrirem a empresa, ele e seus sócios pesquisaram bastante sobre o mercado e encontraram informações de que os algoritmos influenciavam negativamente nas buscas das residências, invisibilizando as de anfitriões negros, em muitos casos. Isso reafirmava o que Carlos já supunha, que seu apartamento não era muito acessado em razão do baixo número de reservas efetuadas e por seu perfil ser declaradamente de uma pessoa negra. Antônio explica que, "se tem dez anúncios em uma mesma rua e um anúncio fica na décima posição, os outros nove vão ser mais vistos, mais acessados, mais reservados e, consequentemente mais avaliados, então gera uma reprodução daquela invisibilidade".

Invisibilidade que, segundo Mbembe (2014), está associada aos próprios termos negro e raça, que denotam subalternidade e uma negação da humanidade, fato que se caracteriza como um exercício de biopoder, em termos foucaultianos. Eles se incluem no discurso moderno sobre a humanidade. "Desde o início do século XVIII, constitui, no conjunto, o subsolo (inconfessado e muitas vezes negado), ou melhor, o núcleo complexo a partir do qual o projeto moderno de conhecimento - mas também de governação - se difundiu". (Mbembe, 2014, p. 10)

A história do racismo então possui relações intrínsecas com a história do capitalismo moderno, estendendo-se também em um regime neoliberal, que ainda vê o negro como mercadoria (Mbembe, 2014). Por essa razão, esses movimentos precisam romper com a ideia de inferiorização. Antônio acredita que sua iniciativa esteja contribuindo para aumentar a dimensão da economia colaborativa, porém entende que ainda "tem gargalos e ela reproduz em muitas medidas, em seus algoritmos e seus modos de funcionamento, alguns dos estigmas e das construções estruturais de nossa sociedade".

Plataformas como a Diaspora.black rebatem problemáticas na cultura da colaboração muito importantes a serem discutidas em forma de ativismo e afirmação identitária, mas não deixam de se inserir na mesma lógica estrutural de códigos e protocolos que controlam as

mídias e a internet e mantém certas desigualdades. Seria preciso ter o controle dessas ferramentas para se desviar desses problemas.

Há uma "ameaça dos algoritmos" (DANAHER, 2016), em que os processos de formação de decisões limitam e restringem a oportunidade da participação humana. O crescimento de sistemas algorítmicos, combinados com as formas pelas quais eles se envolvem em ecossistemas orgânicos sempre mais complexos pode ser um modo de impulsioná-los para além do controle e compreensão de seus criadores humanos. Ainda que esses sejam mecanismos de controle e reforcem desigualdades, a discussão e a tentativa de fortalecer possíveis alternativas contra injustiças sociais é um movimento que se intensifica.

Na rede Couchsurfing das Pretas essa questão ainda não é uma preocupação, devido à restrição das participantes por gênero e raça. A principal motivação da rede é estimular o acesso às viagens por mulheres pretas. Quando morou na Europa, Carolina informou ter utilizado com frequência a plataforma Couchsurfing para se hospedar e percebia que a rede era constituída majoritariamente por brancos. A ideia era então justamente a de aproximar essas mulheres pretas, em razão das limitações que elas têm de acesso a viagens.

A população preta no Brasil é uma população majoritariamente pobre, então a gente viaja menos mesmo. Mas existe também uma bagagem que é cultural e intelectual. A nossa origem não é uma origem de pessoas que viajam. A pessoa branca tem um pai que já viajou, tem uma tia que já viajou. Ela tem uma origem de pessoas que viajam, que ensinam isso. A gente não aprende isso porque nossos ancestrais não viajaram turisticamente. Nossos ancestrais viajaram de outro jeito, infelizmente. Então a minha geração, provavelmente é a primeira geração de mulheres negras que tem conseguido fazer isso. Então eu acho que tem um elemento, tanto financeiro, material, como o elemento cultural também, uma cultura que a gente não teve acesso. (Carolina Pinho, em entrevista)

As interações na rede incluem tanto a oferta e pedido de hospedagem, quanto dicas e informações sobre viagens, além da possibilidade de viajar em companhia umas das outras. Assim, Carolina acredita que o grupo pode contribuir para que essas mulheres viajem mais, ao se permitirem viver essa experiência, pois foi a partir de sua percepção de que poderia e que tinha o direito de viajar, que ela quis compartilhar com outras mulheres pretas.

A rede então propõe uma reação a uma dupla situação de discriminação dessas integrantes. Com o recorte de etnia e gênero, os discursos ressaltam uma valorização tanto da cultura afro diaspórica, ressaltando características fenotípicas, quanto da condição de ser mulher em uma sociedade que se estrutura em uma supremacia branca e masculina. Realidade

em que a figura da mulher negra é inferiorizada e relegada à subserviência e sexualização, no que Gonzales (1984) aponta como neurose cultural.

A forma como essas pessoas viajam e se apropriam dos lugares visitados também é diretamente influenciada pelo uso que fazem dessas plataformas. Fatores como a valorização à identidade e cultura negra se relacionam com o fato de ser recebido por uma pessoa que passa por situações semelhantes e pode dialogar melhor com os interesses dos hóspedes. Carolina ressalta que, ao se hospedar em residências de pessoas pretas, elas geralmente a levavam para lugares em que outras pessoas da mesma cor frequentam, espaços onde elas se sentem bem.

Já a integrante do mesmo grupo, Nathália Braga, carioca e jornalista de 21 anos, relata em entrevista realizada presencialmente no Rio de Janeiro em abril de 2018, que também se preocupa muito com a sua segurança nos deslocamentos e, por isso, acredita que a relação de confiança com outra mulher preta possa ser maior, ao passar por situações semelhantes. "Até mesmo por questões de identificação e de empatia. Por exemplo, quando eu perguntei a ela, quando eu sabia que ia chegar tarde da noite, ela enquanto uma outra mulher negra, saberia me orientar bem sobre os riscos ou não de chegar na casa dela". Para ela, o recorte, tanto étnico, quanto de gênero é fundamental ao buscar esse tipo de hospedagem.

Nathália diz não viajar com muita frequência e não participa de outros grupos colaborativos de viagens. A escolha dela como interlocutora ocorreu devido a uma de suas publicações agradecendo e contando mais de sua primeira experiência como hóspede por uma das integrantes da rede, ressaltando aspectos identitários importantes para o seu acolhimento na cidade.

Contudo, ela também ressalta que a escolha por ficar na casa de mulheres pretas também passa por preocupações mais sensíveis.

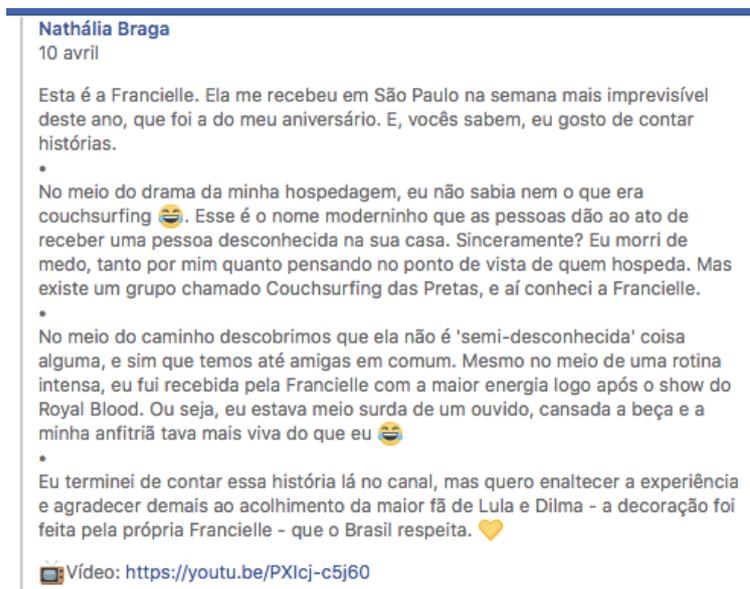
Mas, não sei, essas micro operações do dia a dia, sabe? O que vai acontecer, o que a pessoa vai achar. Ou, às vezes, umas coisas pequenas. É eu chegar na casa da pessoa e a pessoa vier com algum tipo de estereótipo por conta da minha aparência. Tipo, "Ah, você veio aqui pra fazer coisa X, claro, porque você é negra", sabe? Esse tipo de coisa, assim. Eu chegar na casa da pessoa e a pessoa vai lá e, "não, porque eu acho que você deveria ir nesse samba aqui". E não necessariamente eu vou querer. Então é esse tipo de coisa assim que, eu tento evitar a fadiga e vou fazendo esses filtros. (Nathália Braga, em entrevista)

Quanto à plataforma Diaspora.black, Antônio resalta as parcerias que o trio de sócios mantém com grupos que divulgam e promovem passeios focados na cultura negra. O blog, vinculado ao site principal, informa sobre as atrações e descontos em estabelecimentos, como restaurantes. A empresa também oferece serviços voltados para experiências afro diaspóricas diretamente na plataforma, como participar de aulas, encontros e apresentações musicais.

Tanto Antônio quanto Carolina evidenciam também dificuldades enfrentadas nas próprias redes. No caso da Diaspora.black, seus gestores ainda buscam a autosuficiência financeira da empresa. Quanto ao Couchsurfing das Pretas, Carolina informa que, por variados motivos, ainda há muitas mulheres que não disponibilizam suas residências para receber outras participantes, seja por medo, desconhecimento ou qualquer outro motivo. Mas, apesar dessas adversidades, as iniciativas seguem funcionando como espaços de afirmação dessas identidades, mantendo um crescimento que reverbera em uma contribuição significativa ao acesso às viagens por parte da população negra.

Nathália fez questão de publicar em seu canal no YouTube e no grupo Couchsurfing das Pretas como foi sua experiência (figura. 02). "É o tipo de depoimento que eu gostaria de ter lido, seja lá, em outros lugares. Saber dos bastidores, da recepção, de uma pessoa totalmente desconhecida". Ela afirma que não sabia do que se tratava da prática de Couchsurfing até ser convidada pela moderadora Carolina para participar do grupo. Apesar de já ter ficado em casa de amigos outras vezes em que viajou, a primeira vez que se hospedou na casa de uma pessoa desconhecida, a princípio, foi proporcionada pelo grupo. E que essa prática contribuirá para ela viajar mais e ficar mais tempo nos lugares que visita.

Figura 2: Depoimento de Nathália Braga publicado no grupo (a foto não foi divulgada para preservar a imagem das participantes)



Fonte: Grupo *Couchsurfing* das Pretas no Facebook, 2018.

Os depoimentos dos participantes, por meio de vídeos e comentários nas redes ressaltam a importância desses canais para a articulação e mobilidade dessas pessoas. Discussões sobre acessibilidade, casos de preconceito, aspectos identitários e organizações de encontros são frequentes, conforme observado nesta pesquisa. O discurso de apoio é predominante nas plataformas e reforça o desejo de estar junto, compartilhando experiências e contribuindo para que a prática das viagens seja cada vez mais comum entre eles.

3 CONCLUSÕES

As iniciativas de hospedagem colaborativa focadas na população negra promovem tanto uma reflexão sobre o papel das plataformas como mediadoras da comunicação entre viajantes e anfitriões, quanto à potencialização das mobilidades turísticas de pessoas negras. Em seus depoimentos, todos os entrevistados denotaram um teor de ativismo e um desejo de reparação quanto à discriminação sofrida em outras viagens. Com essa premissa, as redes Diaspora.black e Couchsurfing das Pretas, ao mesmo tempo, utilizam tecnologias dominantes, com códigos e protocolos normativos da internet e do mercado, e se valem de estratégias de resistência a esse mesmo sistema, a partir do ativismo político e da afirmação de identidades.

A resistência se constrói a partir de ações discriminatórias, que nestes casos se associam às condições de gênero e etnia, relatados nas entrevistas e que são constantemente discutidas nas publicações dos grupos. Corpos femininos que, segundo Federici (2017) foram pensados como máquinas para servir aos interesses do capital e que estão sujeitos à violência, a dominação e controle do capitalismo. Por essa razão as preocupações em torno da segurança são tão comuns.

Ao estimularem que negros viajem mais, promovendo o encontro entre pessoas com características identitárias semelhantes, a forma como esses espaços visitados são apropriados também se transforma. A valorização da cultura negra por meio de atrações culturais e artísticas, como as promovidas pela plataforma Diaspora.black, pode indicar outras percepções sobre lugares já conhecidos ou apresentar espaços ainda não explorados a partir de determinada perspectiva. Esses movimentos são contrários, sobretudo, às estruturas dominantes que cerceiam as mobilidades dessas pessoas. São exemplos de ações em prol de uma "justiça das mobilidades" (SHELLER, 2017).

Essas redes, ao mesmo tempo em que se ancoram na valorização da cultura negra que mantém a noção de distinção, também se configuram como espaços que incluem esses corpos em um sentido de humanidade que foi negado em todo discurso opressor. Para Mbembe (2014), é preciso pensar então a emancipação desses sujeitos racializados, que não são somente negros, como também os muçulmanos, por exemplo. Por essa razão, os membros dos grupos avaliados priorizam compartilhar suas residências, conhecimento e oferecer companhia para pessoas com quem eles se identificam, ressaltando-se aqui o gênero feminino e a etnia negra. Trata-se de um movimento a favor da humanização desses corpos por meio das viagens e da colaboração, com uma tônica política.

Por outro lado, as variadas divergências que se estabelecem nas práticas ditas colaborativas evocam questionamentos sobre esse modelo econômico. Ainda que as técnicas de programação computacional mais avançadas sejam utilizadas e construídas a fim de evitarem casos de discriminação em plataformas de hospedagem colaborativa, esses problemas não serão eliminados somente com essas ações, pois são inerentes à sociedade e suas relações interpessoais. Essas questões precisam ainda ser discutidas para pensar alternativas que busquem a descentralização desses meios e o acesso mais distribuído e amplo para os mais variados perfis de usuários.

REFERÊNCIAS

- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BRAGA, Nathália. Uma semana sem saber. **Canal Nathália Braga**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PXIcj-c5j60>. Acesso em: 02 de agosto de 2018.
- COSTA, Ramon Bezerra; FERNANDES, Viviane Marinho; GONÇALVES, Fernando do Nascimento. **A construção da confiança em experiências de hospitalidade mediadas pela internet: os casos do Airbnb e do Couchsurfing**. *Comunicacao, Midia e Consumo (Online)*, v. 14, p. 67-89, 2017.
- COUCHSURFING DAS PRETAS. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/couchsurfingdaspretas/>. Acesso em: 03 de agosto de 2018.
- COUCHSURFING DAS PRETAS. **Sobre o papel da confiança e das tecnologias digitais de comunicação nas experiências de economia colaborativa**. UFRJ. Anais dos Seminários dos Alunos do PPGAS–Museu Nacional–UFRJ, p. 7, 2015.
- DANAHER, John. **The Threat of Algocracy: Reality, Resistance and Accommodation**. Springer Science+Business Media Dordrecht 2016.
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. 14º ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DIASPORA.BLACK. Disponível em: <https://diaspora.black>. Acesso em: 03 de agosto de 2018.
- EDELMAN, Benjamin G.; LUCA, Michael. **Digital Discrimination: The Case of Airbnb.com**. Harvard Business School NOM Unit Working Paper No. 14-054, 2014. Disponível em SSRN: <https://ssrn.com/abstract=2377353> or <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.2377353>.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.
- GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- JORGE, Camilla Ginesi. **Economia partilhada e consumo colaborativo com quem? Como a presença do Airbnb afeta os preços dos imóveis residenciais em Lisboa e no Rio de Janeiro**. Dissertação de mestrado. Universidade de Lisboa. Instituto Superior de Economia e Gestão, 2017.
- KERA, D. **Maker culture liminality and open source (science) hardware: instead of making anything great again, keep experimenting! | a liminaridade da cultura maker e o hardware de fonte (na ciência): em vez de fazer algo ser grande de novo, continue experimentando**. **Liinc em revista**, v. 13, n. 1, 2017.10.18617/liinc.v13i1.3875. DOI:10.18617/liinc.v13i1.3875. 2017. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/v/a/23268>. Acesso em: 06 Fev. 2018.
- LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Editora Antígona, 2014.



PASQUINELLI, Matteo (2009). “Google’s PageRank Algorithm: A Diagram of Cognitive Capitalism and the Rentier of the Common Intellect”. In: Konrad Becker, Felix Stalder (eds), **Deep Search**, London: Transaction Publishers: 2009.

RIFKIN, Jeremy. **The zero marginal cost society: the internet of things, the collaborative commons, and the eclipse of capitalism**. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

SHIRKY, Clay. **A Cultura da Participação**. Criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SHELLER, Mimi. **Mobility Justice and Power**. Escola de Mobilidade São Paulo/SP Mobilities: Universidade de São Paulo, 2017.

SILVEIRA, Sérgio A. Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo. **Revista USP**, n.86, p.28-39, jun.-ago. 2010.

SLEE, Tom. **What’s Yours Is Mine: Against the Sharing Economy** Toronto, Canada: Between the Lines, 2016.

TOFFLER, Alvin. **A terceira onda**. Trad. João Távora. 29 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

Original recebido em: 27 de junho de 2020

Aceito para publicação em: 19 de setembro de 2022

Thaís Costa da Silva

Doutora em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora do Programa de Mestrado em Economia e Gestão da Universidade Candido Mendes.
Email: thais_unirio@yahoo.com.br

Vinícius Andrade Pereira

Doutor em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ. Professor Associado da FCS e Professor Permanente do Programa de Pós Graduação em Comunicação da UERJ. Professor Visitante Sênior (CAPES) da Winchester School of Art - University of Southampton, U.K. email: vinianp@gmail.com



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

